

## **Espaço, Infância e Escola**

*Núbia Schaper Santos*

*Rafael M. Gonçalves*

**P**ermanentemente vivemos no Brasil uma discussão profícua no cenário acadêmico e no campo das práticas da escola sobre a questão da educação em tempo integral. Entre as várias possibilidades de reflexão, iremos nos atentar à tríade espaço – infância e escola.

O embasamento de nossas discussões acerca da questão do espaço vão de encontro às discussões de uma crise e transição paradigmática, entre a Modernidade e a chamada Pós-modernidade, que segundo Santos (2007) aponta respectivamente para o deslocamento de uma exacerbação dos modelos científicos e filosóficos das ciências físicas e naturais, dos modelos cartesianos para um modelo de *conhecimento prudente para uma vida decente*.

Assim, as mais diferentes concepções e noções lógicas, epistemológicas e ontológicas passaram a ser questionadas, entre elas, destacaremos a noção de espaço. Neste texto, dizemos do espaço que para ser concreto precisa antes ser simbólico, imaginado, pensado. O espaço é imaginado, é uma representação mental. O homem tem história, o espaço tem história. E de que forma o espaço da, na e pela escola possibilita a construção/manifestação da subjetividade da criança?

O lugar é o espaço construído. É espaço quando possibilita o terreno do pensado, é lugar quando elabora a maquete do que será construído. O espaço é imaginado, projetado, é também memória daquilo que ficou no lugar. O lugar é ocupado, construído, é a ação. O espaço é o imaginário da ação. O lugar só se constrói mediante a possibilidade de vários espaços, que são os espaços imaginários de cada um.

A escola é espaço-lugar. A questão é: como o espaço imaginário se torna lugar de ação? Se assim é, a escola pensa o futuro fossilizado, prepara a criança para ele, na expectativa de que a criança seja o que se

foi, seja o que se sabe e não o que poderá vir a ser. Como se as coisas mais importantes estivessem por vir (o vir previsível). Acredita que por conhecer o passado e o presente, na lógica da causalidade linear, o futuro pode ser predito. Então mais uma vez devemos viver o luto. O luto pela perda do que nunca se teve. O luto pela perda da escola ideal, daquela que se projeta a partir das memórias, do vivido, do passado, do futuro, aquela que por existir na imaginação e de tão perfeita não se concretiza nunca.

A criança vem para a escola com um espaço imaginado do que seria essa escola e não encontra o seu lugar. Ou melhor, encontra a marca do seu *não lugar*. Quantos *não lugares* para a criança existem na escola? Nas paredes e seus desenhos que de tão perfeitos afrontam o nosso olhar e que de tão prontos não convidam a imaginar; nos desenhos das próprias crianças que de tão direcionados já não as vemos a não ser no desejo do adulto que os propuseram; no excesso de informação; na autoridade dos nossos discursos; no movimento dos *corpos dóceis* enfileirados.

O arranjo do espaço determina a aprendizagem. Será que ao dimensionarmos o espaço na escola (pensamos aqui no espaço material propriamente dito) não dimensionamos também o tamanho do desejo e das expectativas que temos sobre a criança? Será que a criança expressa o que nós sugerimos que ela deva expressar, esculpindo seu desejo?

Se o espaço representa a dimensão do próprio homem, no caso da escola, ele traduz a compreensão do processo de ensinar e de aprender de quem o organiza. Assim, podemos arranjar e rearranjar o espaço com base nas crenças que temos sobre desenvolvimento, interação, concepção de infância etc. A contaminação do nosso olhar, a interferência do modo de ver o mundo extinguem a noção de neutralidade.

## **REFERÊNCIAS**

- SANTOS, B. de S. *A Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

**sobre o(a) autor(a):**

Núbia Schaper Santos – Doutoranda em Educação – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rafael M. Gonçalves – Bacharelado em Pedagogia- Universidade Federal de Juiz de Fora